

**2**

**CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
ENFERMAGEM VETERINÁRIA**

| A Fisioterapia em Animais de Companhia |

**14\_16**

**Out/2011**

**Viana do Castelo**

**[ciev.ipvc.pt](http://ciev.ipvc.pt)**

**[ciev@esa.ipvc.pt](mailto:ciev@esa.ipvc.pt)**



**Papers in conference proceedings**



alimento inócuo para os humanos, mas que pode ser bastante perigoso para os nossos animais de estimação. Estes são apenas dois exemplos, mas é fundamental que haja um maior conhecimento dos agentes potencialmente tóxicos, de modo a evitar muitas mortes em animais de companhia (Gfeller *et al*, 1998, Peterson & Talcott, 2006, Spinoza *et al*, 2008).

Com este trabalho, pretende-se realizar um estudo retrospectivo relativamente aos envenenamentos em animais de companhia, bem como determinar os principais tóxicos aos quais são expostos.

## MATERIAL E MÉTODOS

A amostra obtida resulta de uma compilação de todos os casos de intoxicações que ocorreram durante o período de 1 de Janeiro de 2010 a 31 de Maio de 2011 no Real Hospital Veterinário em Braga. Para a selecção dos casos de intoxicação foi utilizado o programa informático Winvet®, tendo sido também recolhidas informações sobre a espécie animal afectada, a raça, idade, sexo e tóxico implicado em cada situação.

## RESULTADOS

Deste estudo resultaram 26 casos confirmados de animais vítimas de intoxicações.

De todos os casos analisados, 81% ocorreram em animais da espécie canina e apenas 19% na espécie felina. Os canídeos mais afectados pelas intoxicações são os considerados Sem Raça Definida e os Retriever do Labrador. Na espécie felina, a raça de gato mais frequentemente atingida por intoxicações foi a Europeu Comum.

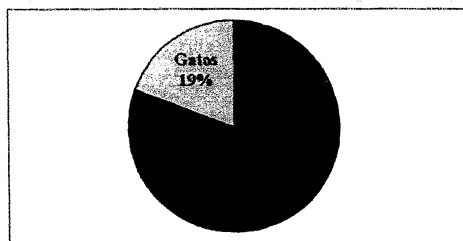


Figura 1. Animais de companhia intoxicados em função da espécie (dados gentilmente cedidos pelo RHV).

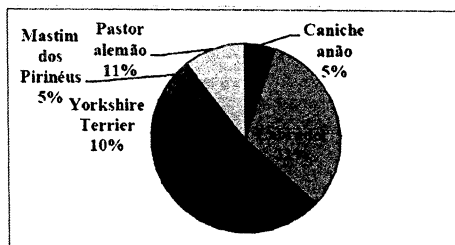


Figura 2. Raças de cães vítimas de intoxicações no período em estudo (dados gentilmente cedidos pelo RHV).

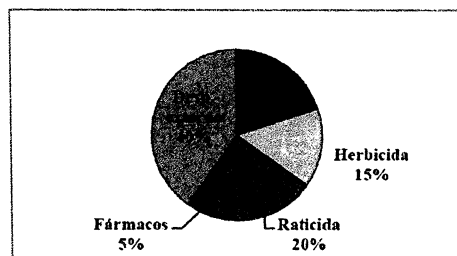


Figura 3. Etiologias mais frequentes das intoxicações na espécie canina (dados gentilmente cedidos pelo RHV).

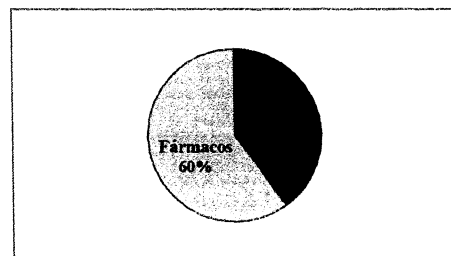


Figura 4. Etiologias mais frequentes das intoxicações na espécie felina (dados gentilmente cedidos pelo RHV).

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Através dos dados relativos aos animais intoxicados, podemos comprovar que o número de cães supera o de gatos, facto também observado também por outros autores (Roder, 2001, Medeiros *et al.*, 2009). Este facto pode ser explicado pelo maior número de animais da espécie canina que fazem parte dos registos do RHV, relativamente aos animais de espécie felina. No entanto, há outras explicações possíveis, nomeadamente o facto de os gatos serem mais selectivos que os cães com a sua alimentação, além de serem capazes de recusar obstinadamente qualquer alimento que apresente um odor que não lhes agrade, fazendo assim com que sejam menos afectados pelas intoxicações.

Na espécie canina, o Retriever do Labrador foi o mais afectado, provavelmente devido à excessiva energia e curiosidade que caracteriza esta raça.

A via gastrointestinal, foi a que assumiu maior relevância, quer em cães, quer em gatos (60%). Nos felinos o principal tóxico foi o acetaminofeno, administrado pelos proprietários e na espécie canina, a ingestão de herbicidas, raticidas, lixívia e fármacos, foram a principal causa de intoxicação por esta via. Os restantes 40% correspondem a intoxicações por via transcutânea, incluindo a aplicação de desparasitante para a espécie canina em gatos e banhos com pecusanol em cães. É de salientar que no caso dos gatos, a via transcutânea e digestiva estão interligadas, devido aos hábitos de higiene que caracterizam esta espécie.

## CONCLUSÃO

Os casos de intoxicações mais comuns são relativos a medicamentos. Este elevado número de casos pode ser atribuído a um uso inadequado dos mesmos em animais, muitas vezes relacionado com a pouca informação dos proprietários (Filho *et al*, 1991, Campbell, 1999; Meadows, 2006).

O Enfermeiro Veterinário é uma mais-valia no que toca a este tipo de campanhas de informação, uma vez que tem um contacto mais próximo com o proprietário do animal. Assim, deve ter um conhecimento básico das medidas de primeiros socorros e do tratamento adequado para os diferentes tipos de intoxicações, bem como dos tóxicos mais comuns e respectivos sinais clínicos.

## BIBLIOGRAFIA

- Campbell A (1999). Common causes of poisoning in small animals. In Practice. 21: 244-249.
- Filho, A. A.; Campolina, D.; Dias, M.B. (2001). Toxicologia na prática clínica. Belo horizonte: Folium: 368 p.
- Fraser, C. M., Bergeron, J. A. e Aiello, S. E., (1991). El Manuel Merk. Merk & Co., Inc. Oceano / Centrum, 4ª Ed., Espanha, 1877-1884; 1928-1929.
- Gfeller, R.W.; Messonnier, S.P. (1998). *Handbook of Small animal toxicology and poisonings*. St Louis: Mosby.
- Hodgson, E. (2005). A textbook of modern toxicology (3ª edição). North Carolina State, wiley Interscience. 15-28
- Meadows I (2006). As 10 intoxicações mais comuns nos cães. *Veterinary Medicine*. Edição Set/Out: 15-20.
- Medeiros R, Monteiro F, Silva G, Júnior A (2009). Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. *Ciência Rural*. 39: 2105-2110.
- Peterson M, Talcott P (2006) *Small Animal Toxicology*. St. Louis, Elsevier Saunders.
- Roder J (2001) *Veterinary Toxicology – The Practical Veterinarian*. United States, British Library.
- Tiwari R, Sinha M (2010) *Veterinary Toxicology*. Gopal Pura, Oxford Book Company.
- Spinoza H, Kogika M, Coelho B (2008) Conduta de urgências nas intoxicações. In Spinoza H, Górnaiak S, Palermo- Neto J (Eds). *Toxicologia Aplicada à Medicina Veterinária*. 1ª edição. S. Paulo- Brasil, Editora Manole: 89-110.
- Xavier F, Righi D, Spinoza H (2007). Fatal poisoning in dogs and cats - A 6 - year report in a veterinary pathology service. *Braz. J. vet. Res. anim. Sci.*. 44: 304-309

## Tétano em Animais de Companhia

Ferreira J<sup>1</sup>, Mega C<sup>2</sup>, Mesquita J<sup>2</sup>, Esteves F<sup>2</sup>, Cruz R<sup>2</sup>, Oliveira AL<sup>2</sup>, Santos C<sup>2</sup>, Coelho C<sup>2</sup>, Vala H<sup>2</sup>, Nóbrega C<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira Veterinária - Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viseu

<sup>2</sup> Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viseu.

### RESUMO

O tétano é uma doença infecciosa, causada pela acção patogénica de toxinas produzidas por uma bactéria anaeróbia, Gram+: *Clostridium tetani*. Quase todos os mamíferos são susceptíveis, apesar de os cães serem relativamente resistentes e de os gatos serem muito mais resistentes que qualquer outro mamífero doméstico. Os cavalos são a espécie animal mais sensível, com a possível excepção dos humanos.

### INTRODUÇÃO

O tétano é provocado por toxinas produzidas pelo *Clostridium tetani*, uma bactéria anaeróbia ubiqüitária, que está presente no solo e fezes de animais (Ettinger & Feldman, 2010). Na maior parte dos casos, as bactérias penetram nos tecidos através de soluções de continuidade, particularmente feridas perfurantes, que fornecem as condições de anaerobiose ideais ao seu crescimento. À medida que as células bacterianas entram em autólise, há libertação de uma potente neurotoxina, a tetanospasmína ou toxina tetânica. Esta é absorvida pelos neurónios motores da área afectada e atinge a medula espinhal onde dá origem ao tétano ascendente. Se a quantidade de toxina produzida for superior à capacidade de absorção dos nervos motores, então o excesso será transportado pela linfa até à corrente sanguínea e daí, para o Sistema Nervoso Central (SNC), originando o tétano descendente. Em ambos os casos, há espasmos e contracções tónicas dos músculos voluntários, dado que a ocupação destes receptores pela toxina interfere com a libertação de neurotransmissores das terminações nervosas pré-sinápticas. Os espasmos podem ser tão severos que chegam a provocar fracturas ósseas. Quando afectam a laringe, diafragma e músculos intercostais podem mesmo conduzir a falência respiratória. Se houver envolvimento do Sistema Nervoso Autónomo (SNA), surgem arritmias cardíacas, taquicardia e hipertensão (Nelson & Couto, 2006).